

PONTES, Williane Juvêncio. “Emoções, cultura e sociedade no Brasil: uma resenha”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 143-147, dez de 2015. ISSN: 1676-8965.

**RESENHA**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Recebido em: 01.09.2015

Aceito em: 21.10.2015

## Emoções, Cultura e Sociedade no Brasil: Uma Resenha

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. *Da subjetividade às Emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil*. Série Cadernos do GREM n. 7. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições GREM, 2015, 115p.

*Da Subjetividade às Emoções* é uma obra organizada por Mauro Guilherme Pinheiro Koury, e Raoni Borges Barbosa, e faz parte da série de livros Cadernos do GREM. O livro resenhado tem por objetivo uma análise sobre o desenvolvimento dos estudos no âmbito da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil, interligando as duas áreas a um mesmo processo formativo. Nesse aspecto, é uma obra que pode ser pensada no interior de uma história do pensamento social e acadêmico das Ciências Sociais no Brasil.

O livro é formado por dois capítulos, além de uma introdução, compreendendo uma análise dos trabalhos de Gilberto Velho e sua importância para a antropologia e a sociologia urbana, bem como para a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil; e uma análise dos trabalhos de Mauro Koury, e a sua significação para a consolidação das áreas de antropologia e sociologia urbana no país. Neste livro, nessa direção, como o título já indica, se parte da aproximação analítica nas ciências sociais no Brasil da questão da subjetividade até a tomada das emoções

como categoria analítica central à análise compreensiva da relação indivíduo, sociedade e cultura.

Desde modo, a obra se organiza em duas partes, a primeira, escrita por Mauro Koury, abrange uma leitura das categorias analíticas, da abertura teórica proposta e da influência teórica sofrida por Gilberto Velho. Nesta análise, o autor reconhece a importância de Velho como precursor da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil. Coloca a figura de Velho ainda como um dos antropólogos mais importante e influente na academia brasileira.

Koury realiza uma contextualização de Gilberto Velho, ao analisar a sua trajetória acadêmica, desde sua graduação, onde ocorre o despertar pelo interesse da sociabilidade urbana, até a formação intelectual pós-graduada e profissional como antropólogo. Discute as influências teóricas e metodológicas que vão desde a fenomenologia de Alfred Schütz, até a sociologia interacionista da Escola de Chicago, passando também pelas análises simmelianas e a análise compreensiva de Max Weber.

Para o autor, Gilberto Velho desenvolve aspectos inovadores para a análise das Ciências Sociais brasileira, especialmente para a antropologia, propondo uma etnografia como modelo interpretativo misturado com métodos, técnicas e conceitos de análise sociológica, tal qual a observação participante (VELHO, 1980), a utilização de questionários, dados estatísticos, e outros. O autor atesta as inovações de Velho e

ênfatisa a sua luta na defesa da abertura do diálogo entre áreas disciplinares, e o desenvolvimento de trabalhos em conjunto, principalmente, entre a antropologia e a sociologia.

Koury aponta, assim, para os desafios metodológicos e teóricos de Gilberto Velho e chama a atenção especificamente para um par conceitual, considerado fundamental para a compreensão de sua obra. Para o autor, esse par conceitual se traduz nas noções de *projeto*, retirada por ele da obra de Schütz, e a noção de *campo de possibilidades*. Estas noções apontam para as relações entre indivíduos e formas de sociabilidade em um ambiente cultural e socialmente delimitado. De acordo com Koury, elas

alocam também em cena as emoções, as escolhas e a formação de curvas de vida nas relações estabelecidas entre os indivíduos e a sociedade, trazendo a análise para o campo fenomenológico de Schütz, e para o interacionismo de Goffman e Becker, sempre à luz das análises simmelianas e weberianas (KOURY, 2015, p. 40).

A noção de projeto é visto em uma forma individual e grupal que são interdependentes, mas que se mantêm em tensão durante toda a trajetória social de uma sociabilidade e de uma curva de vida individual. Para o autor, dessa forma, a noção de projeto se apresenta como fundamental para a análise da questão da heterogeneidade e das relações sempre tensas entre indivíduo e cultura na sociedade complexa.

Através da noção de projeto, Velho, de acordo com Koury, procura entender as condutas do indivíduo ou grupo em busca de concretizar finalidades específicas por eles traçadas como metas a serem conseguidas. Deste modo, as análises de Velho se atêm a como se montam essas trajetórias, a sua organização, o caminho traçado para alcançar o seu fim, e o balanço dos resultados futuros, que podem ser conseguido ou frustrado na trajetória de vida do sujeito

individual e grupal. É nesta direção que se faz importante a noção de campo de possibilidades.

Na noção de campo de possibilidades Velho (1981) se refere às alternativas de espaços para formulação e realização dos projetos individuais e/ou coletivos, o que permite a compreensão da forma como os projetos se movimentam e se interrelacionam em um processo sóciohistórico determinado. O que permite, por fim, a negociação com as situações sociais formadas no cotidiano das experiências individuais e grupais.

Assim, a relevância e a pertinência dos projetos e o campo de possibilidades por eles abertos e a escolha dos seus participantes se inserem em um jogo sempre tenso. É a partir desse jogo tenso entre projetos e os seus campos de possibilidades, segundo a análise de Koury, que Velho utiliza outra noção, a de metamorfose. Esta noção, segundo Koury entra no jogo tensional, onde ocorre a vivência com diferentes projetos, em vários mundos sociais que o indivíduo habita, levando Velho a perceber as adaptações constantes produtos das negociações, aceitações e recusas dos indivíduos e as consequências em suas curvas de vida e da sociabilidade em seu entorno.

Desta forma, os sujeitos mudam através de seus projetos, ou ao contrário. O conceito de metamorfose possibilita, assim, a observação analítica de flexibilidade e transformação dos projetos através dos campos de possibilidade onde o projeto é formulado e desenvolvido, constituindo, assim as curvas de vida.

Para Koury, a utilização desse par conceitual junto com o terceiro conceito complementar, o de metamorfose, Velho abre caminho para uma análise onde se atente para o jogo entre subjetividades. Não chegando ainda, porém, a análise das emoções em sua relação com a sociedade e cultura. O que faz de Gilberto Velho um precursor impor-

tante, e um quase fundador da Antropologia e da Sociologia das Emoções no Brasil.

A segunda parte do livro é escrita por Raoni Barbosa, que realiza uma análise da trajetória acadêmica de Mauro Koury como um antropólogo das Emoções. Para Barbosa, Koury vem contribuindo para a consolidação do campo analítico da antropologia e da sociologia das emoções como disciplinas acadêmicas no Brasil, e insere a obra de Koury na tradição simbólico-interacionista da antropologia das emoções, com destaque para autores como Simmel, Weber, Mead, Elias, Goffman, Scheff e Velho, entre outros.

Realiza-se uma leitura da trajetória teórica e metodológica de Koury, a partir do GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, que identifica como o núcleo onde se concentra e se desenvolvem os seus trabalhos acadêmicos desde 1994, ano que o pesquisador migra seus estudos para o fenômeno das emoções, tomando-as como foco analítico central. Afirma que os estudos de Koury se situam na proposta de microanálise do social, de onde tece críticas à macroanálises estruturais que não se importam com a formação constante da sociabilidade presente na vida cotidiana.

Barbosa afirma que o fenômeno das emoções se coloca em Koury como um problema antropológico, tornando-se central para a compreensão de sua obra. Nela, a categoria analítica das emoções permite a compreensão do processo dinâmico da cultura emotiva a partir das experiências emocionais dos sujeitos sociais no jogo tensional e conflitual dos contextos sociais e relacionais em que se encontram situados.

As emoções, deste modo, movem a ação social e se organizam no jogo interacional entre indivíduo, cultura e sociedade. A antropologia das emoções em Koury, destarte, objetiva a análise do conflito entre cultura subjetiva e cultura objetiva, na configuração

tensa entre as situações onde se entrelaçam a problemática da vida emocional dos indivíduos com as moralidades constituídas no processo relacionam em que se imbricam no cotidiano.

O que faz Koury, de acordo com a análise barbosiana, em seus estudos, dentro da perspectiva teórico-metodológica da antropologia das emoções, desenvolver uma “observação da ação social individual, do *self* e das emoções que perfazem a interação entre os atores sociais de uma sociabilidade dada” (BARBOSA, 2015, p. 67). Nessa perspectiva Koury (2003), de acordo com a análise de Barbosa, reconhece a aparição de uma nova sensibilidade no país a partir dos anos de 1970, onde ocorre à transição para uma sociedade mais individualista, impessoal, com mercantilização da sociabilidade urbana, privatização das emoções, insegurança e medos nas relações cotidianas.

Dentro deste contexto de apreensão desta nova sensibilidade na cultura emotiva brasileira, se desenvolvem todas as demais obras de Koury, trabalhadas de forma detalhada por Barbosa. Assim, Koury (2006) desenvolve uma reflexão sobre os sentimentos de pertença, e a importância dos sentimentos de confiança e confiabilidade para a sua montagem. Do mesmo modo que, segundo o autor, Koury compreende a pertença através da análise do segredo compartilhado.

Conceitos estes, segundo Barbosa, caros a análise de Koury, através dos quais tenta apreender os processos de sociabilidade constituídos pelos e entre os indivíduos relacionais em cenários tensos de constituição identitária, individual e coletiva. De onde também Koury, segundo o autor, procura compreender a análise dos medos e dos medos corriqueiros de onde esses sentimentos se processam como específicos: o medo da traição, a insegurança individual de não realizar o ideal de um grupo, até o medo do outro específico ou qualquer, entre outros.

Barbosa realiza, a partir de então, a leitura do conceito de medos e medos corriqueiros (2002) como emoções centrais na sociabilidade brasileira urbana contemporânea. Onde o campo das emoções revela em configurações sempre tensas e conflituais. Koury assim, segundo a análise de Barbosa no texto agora analisado, desenvolve o conceito de medos e medos corriqueiros na análise contínua sobre outras emoções que produzem os processos intersubjetivos e emocionais de uma cultura emotiva singular, como: a coragem, o sofrimento social, a amizade, a confiança, a vergonha, a humilhação, entre outros.

Nesta leitura Barbosa afirma que na análise kouryana o medo é um elemento que se encontra presente em toda relação social, tornando-se uma força motivadora do social. Os medos corriqueiros são compreendidos como uma construção social significativa para o estudo das formas de sociabilidade. São deste modo conceitos fundamentais para a compreensão analítica da obra de Koury. Através deles Koury desenvolve uma análise compreensiva do cotidiano dos habitantes urbanos na contemporaneidade brasileira, de onde os compreende no interior do processo de alastramento e na tecedura ou desmanche dos vínculos sociais em uma sociabilidade dada.

Os medos e os medos corriqueiros, assim, em Koury, seguindo de perto a análise feita por Barbosa, não são entendidos somente como um elemento de subordinação, retraimento e repulsa, mas, também, como um aspecto transgressor, inovador, organizador e criador de novas sociabilidades. A sua análise expõe uma reflexão sobre a cidade, entendida como um espaço de disputas morais no interior de uma cultura emotiva sempre em construção.

Desta forma, os medos causam estranhamento, como também provoca reações de proximidade, e são pressupostos na análise de Koury (2000) como

um dos elementos organizadores do social, refazendo novas possibilidades de relações sociais. As tensões e os conflitos sociais, nesse jogo, possuem um papel importante, em Koury, na organização da sociabilidade e na criação societária.

Sob a ótica dos medos e dos medos corriqueiros, Koury analisa a emergência de uma nova sociabilidade na contemporaneidade brasileira, onde a cultura do medo, visto como um conceito desmobilizador, isola os moradores de um núcleo urbano no espaço privado, os distanciando do espaço público. A desconfiança e o estranhamento em relação ao outro moldam, assim, as relações sociais entre os cidadãos, por onde a violência assume formas sociais no modo de vida urbano. Emergem, então, novas dinâmicas sociais que marcam um rompimento com a tradição relacional (KOURY, 2008).

Após breve análise sobre o livro, da série Cadernos do GREM, n. 7, cabe resaltar a sua significação para a consolidação da antropologia e da sociologia das emoções no Brasil. A leitura do livro se faz assim obrigatória para todos os estudiosos e interessados na dinâmica da constituição do pensamento social e acadêmico nas ciências sociais brasileira e, particularmente, sobre os estudos no campo das emoções no Brasil.

### Referências

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *De que João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das Emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *O vínculo ritual: Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *A Sociologia da Emoção: O Brasil ur-*

*bano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Medos corriqueiros: uma aproximação metodológica*. Cronos, v. 3, n. 1, p. 94-101, 2002

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes das cidades na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa, 2000.

VELHO, Gilberto. Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Gilberto Ve3lho. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

*Williane Juvêncio Pontes*

